

## **AUTORIDADE E AUTONOMIA NA MODERNIDADE: EM DEFESA DA AUTORIA DOCENTE**

**Telma Cortizo\*, Elisabete Ferreira\*\* y Lourdes Ornellas\***

*\*Universidade do Estado da Bahia/PPGEduC/UNEB, Brasil; \*\*Universidade do Porto  
– FPCEUP, Portugal*

### **Resumo**

Esta comunicação é recorte de uma pesquisa de doutoramento numa universidade pública do Estado da Bahia-Salvador-Brasil que problematiza a (des)autorização docente. Analisa-se a autoridade docente e a autonomia na busca de refletir sobre as implicações na autoria docente. Questiona-se: Como a autoridade e autonomia se constituem na modernidade e quais suas implicações na autoria docente? Parte-se da matriz etimológica dos termos – autoridade e autonomia - que têm como raiz a palavra autor (Correia e Matos, 1999; Ferreira, 2012). Nessa lógica, a autoria docente refere-se à perspectiva de que ser autor é ser agente. A modernidade ancorada na racionalidade técnica tem como enredo a liquidez (Bauman, 2001) que se (re)produz nas tramas tecidas na escola, alterando as relações: professor-aluno-conhecimento. Pesquisa de abordagem qualitativa (Gatti e André, 2010), tem como método o Estudo de Caso (Yin, 2005). Os dispositivos de coleta foram: as observações (Lüdke e André, 1986) e a entrevista semiestruturada (Ornellas, 2012). Pode-se aferir que os professores se sentem desautorizados; há uma confusão conceitual sobre autoridade e autonomia que repercute na prática; o lugar e a posição ocupada estão correlacionados com processos formativos, cenário complexo e fatores intersubjetivos que expressam a marca constituinte de cada sujeito na relação educativa.

**Palavras-chave:** autoridade, autonomia, modernidade, autoria docente.

### **Resumen**

Esta presentación es un recorte de una investigación de doctoramiento en una universidad pública en la ciudad de Salvador-Bahía-Brasil que problematiza la (des)autorización docente. Cuestionase: ¿cómo la autoridad y la autonomía se constituyen en la modernidad o cuáles son sus implicaciones en la autoría docente? Deriva de la matriz etimológica de los términos – autoridad y autonomía – que tienen como raíz la palabra autor (Correia y Matos, 2001; Ferreira, 2012). En esa lógica, la

autoría docente involucra la perspectiva de que ser autor es ser agente. La modernidad anclada en la racionalidad técnica tiene como enredo la liquidez (Bauman, 2001) que se (re)produce en las tramas tejidas en la escuela, alterando las relaciones: profesor-alumno-conocimiento. Investigación de abordaje cualitativa (Gatti y André, 2010), tiene como método el Estudio de Caso (Yin, 2005). Los dispositivos de la colecta fueron: las observaciones (Lüdke y André, 1986) y la encuesta semiestructurada (Ornellas, 2011). Verifícase que los profesores se sienten desautorizados; hay una confusión conceptual sobre autoridad y autonomía que reverbera en la práctica: el lugar y la posición ocupada están correlacionadas con procesos formativos, escenario complejo y factores intersubjetivos que expresan la marca constituyente de cada sujeto en la relación educativa.

**Palabras clave:** Autoridad, Autonomía, Modernidad, Autoría Docente.

### **Abstract**

This communication is part of a doctoral research at a Bahia public university, Salvador, Brazil that questions the teaching (non-)authorization. It questions: how do the authority and autonomy constitute in the modernity and their implications in teaching authorship? It starts with the etymological matrix of the terms - authority and autonomy - whose root is the word auctor (Correia and Matos, 2001; Ferreira, 2012). In this logic, the teaching authoring refers to the perspective that being an author is being an agent. The anchored modernity on technical rationality has as plot the liquidity (Bauman, 2001) that (re)produces in the plots woven in school, changing the relationships: teacher-student-knowledge. Research of qualitative approach (Gatti and Andrew, 2010), has as method the study case (Yin, 2005). The collection devices were the observations (Lüdke and André, 1986) and the semi-structured interview (Ornellas, 2011). One can conclude that teachers feel disallowed; this conceptual confusion about authority and autonomy reflects in practice; the place and occupied position are correlated with formative processes, complex scenario and intersubjective factors that express the constituent mark of each subject in the educational relationship.

**Keywords:** authority, autonomy, modernity, teaching authorship.

### **Introdução**

O debate sobre a (des)autorização docente parte da matriz etimológica dos termos – autoridade e autonomia - que têm como raiz a palavra autor (Correia e Matos, 2001; Ferreira, 2012). Nessa lógica, a autoria docente refere –se à perspectiva de que ser

autor é ser agente, e o agir educativo dá-se no avesso da repetição de um modelo cristalizado de poder. A autoridade historicamente sustentada pela tradição anuncia uma crise de natureza política, que se configura quando regimes totalitários de governo emergem substituindo autoridades tradicionais, alcançando também áreas pré-políticas, como a família e a escola (Arendt, 2011). Analisa-se a autoridade docente e a autonomia na busca de refletir sobre as implicações na autoria docente. Parte-se da seguinte questão: Como a autoridade e autonomia se constituem na modernidade e quais suas implicações na autoria docente? A modernidade ancorada na racionalidade técnica em que o virtual foi sendo incorporado aos diversos espaços do planeta tendo como enredo a liquidez (Bauman, 2001); o processo de desencaixe (Giddens, 2002) e a dessimbolização do mundo (Dufour, 2005) se (re)produz nas interações desenvolvidas na escola, alterando as relações: professor-aluno-conhecimento. Nesse contexto complexo, os professores, em grande medida, põem em relevo os desafios que envolvem a profissão, ressaltando as condições de trabalho; as mudanças nas relações professor-aluno; a (des)valorização social da profissão; o avanço das TIC's no meio educacional (Esteves, 1999; Pereira, Paulino e Franco, 2011) dentre outros fatores que implicam nos processos de autoria docente.

### **Método**

A pesquisa de abordagem qualitativa (Gatti e André, 2010) tem como método o *Estudo de Caso* dada a possibilidade de compreender um fenômeno particular em profundidade, consequente de um contexto social complexo (Yin, 2005). Os dispositivos de coleta foram: as observações (Lüdke e André, 1986) e a entrevista semiestruturada (Ornellas, 2012). A recolha de dados fez-se no ano de 2014 numa escola pública de ensino médio localizada na região central da cidade de Salvador-BA. Participaram cinco professores três do sexo masculino e duas do sexo feminino, (A, B, C, D e E- Inglês, História, Matemática, História e Física, respectivamente), com dez a vinte anos de carreira. Na primeira etapa foram realizadas observações na sala de aula, registrando o agir profissional, as relações de transferência entre professor e aluno, o (des)interesse e as questões referentes a autoridade e autonomia pedagógica. Na segunda etapa foram realizadas as entrevistas (Ornellas, 2011), cujo fio condutor possibilitou apreender os ditos e o gestual do discurso disponibilizando o conteúdo dessa escuta aos objetivos da pesquisa. Os dados estão sendo tratados sob a égide da Análise de Discurso (Charaudeau e Maingueneau, 2008). O discurso inscreve-se como

uma prática social, pois está no âmbito da mediação, só podendo ser analisado a partir de um contexto. Na investigação, percebe-se o discurso dos professores atravessado por singularidades, pelas experiências com a profissão, pela conjuntura social, pelas marcas constituintes de autorizações e desautorizações que interpelam o sujeito e tem deixado sintomas, evidenciando a fragilidade em que está sendo costurado o ensinar e o aprender na contemporaneidade.

### Resultados

O discurso proeminente de grande parte dos professores destaca o recrudescimento da complexidade do agir profissional. Nesse sentido, muitos referem que o ato pedagógico tornou-se um campo de batalha em que não se sabe quem é quem. As falas revelam um processo crescente de desautorização. “O professor está sem nenhuma autoridade. Por mais que a gente tenta exercer, o desrespeito é total, justamente pela educação familiar. (Professor A) A fala revela este fenômeno inscrito no âmbito dessa contemporaneidade e, mais ainda, reclama um lugar e uma posição que, supostamente, em outra época, era reconhecidamente ocupado. O professor D anuncia “sou regente de uma turma, sou responsável pelos 40 alunos que estão comigo, e se vinte não querem assistir aula, os outros têm o direito”. A fala supracitada descreve quatro desafios que atravessam o ensinar nesses tempos de liquidez do ensino (Bauman, 2011): quantidade de alunos em sala; (des)interesse; (in)disciplina e autoridade. O professor C refere sobre as tensões que invocam a docência, e destaca que a autoridade é importante para a condução desse processo, mas reconhece que esta pressupõe reconhecimento do Outro, portanto, a autoridade é social (Kojève, 2006). Nas observações da sala de aula dos cinco professores, o uso da expressão *por favor*, foi recorrente em vários momentos ao se dirigirem ao aluno solicitando cooperação no âmbito disciplinar. Contudo, cada um endereçava essa fala de um modo diferente. O tom utilizado pelo professor D foi imperativo “saindo da porta, por favor.” (referindo-se a aluna). A professora B fala com firmeza “Oh, minha filha, por favor!” No entanto, essa mesma expressão nas falas do professor A, C, E é quase como uma súplica para poder dar continuidade a aula. Cerezer e Outeiral (2011) ressaltam que a autoridade é o lugar em que nos colocamos, se esse lugar está fragilizado é porque está sendo precariamente ocupado. Nóvoa (1999) usa a imagem do jogo do bridge, na qual um dos parceiros ocupa o *lugar do morto*, para explicar o processo de exclusão sofrido pelo professor na década de 90. Para isso, utiliza três triângulos (pedagógico, político e

conhecimento), nos quais, em cada um o professor ocupa um lugar no vértice, porém a sua fala não é escutada. Na entrevista, os professores verbalizaram que não eram professores ditadores ou tiranos, “o professor é autoridade na sala de aula. “Não autoritarismo aquele que diz é para ficar calado, mas sempre partindo do princípio do diálogo” (Professor A). Nas observações em sua sala de aula revelava fragilidade aos alunos quando solicitava silêncio ou que prestassem atenção. O professor E fala ao seu aluno, “está presente ausente, está de costas”. As duas cenas anunciam sobre a proximidade geracional (Arendt, 2011; Dufour, 2005). Arendt (2014) afirma que um pai que bate no filho perde a autoridade, do mesmo modo aquele pai que entra numa discussão de igual para igual. Dufour (2005) refere sobre uma tendência ao desaparecimento da diferença geracional entre pais e filhos, professores e alunos. Na pesquisa, com algumas variantes, as cenas da aula ilustravam alunos: com aparelhos eletrônicos; entrando e saindo da sala sem comunicar ao professor; sentados de costas ou conversando com os colegas, registrando uma informalidade, que insiste em querer negar a escola como um espaço formal de socialização de saberes.

### **Conclusões**

A problematização da (des)autorização docente tem evidenciado a autonomia e autoridade interrogada na reprodução de um arquétipo de uma docência fraturada na sua autoridade, destituída de seu papel político e com consequentes fissuras na autoria. Portanto, até o presente momento foi possível aferir que: os professores se sentem desautorizados; há uma dissonância conceitual sobre os conceitos de autoridade e de autonomia que se repercutem nas práticas; a informalidade do ato pedagógico revela uma dispersão que reverbera no (pouco) investimento do ensinar e aprender; o lugar e a posição ocupada pelo professor na aula está correlacionada com saberes, processos formativos, cenário complexo e fatores intersubjetivos que expressam a marca constituinte de cada sujeito na relação educativa. Destarte, convoca-se um pensar sobre uma escola em que professor e alunos se percebam protagonistas e cada um, ao seu tempo e, ao seu estilo, possam assumir o lugar de autoria.

### **Referências**

- Arendt, H. (2011). *Entre o passado e o futuro*. 7 ed. São Paulo: Perspectiva.
- Arendt, H. (2014). *Sobre a violência*. Lisboa: Relógio D' Água Editores.
- Bauman, Z. (2001) *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

- Cerezer, C. e Outeiral, J. (2011). *Autoridade e Mal-estar do Educador*. São Paulo: Zagodoni.
- Charaudeau, P. e Maingueneau, D. (2008). *Dicionário de Análise do Discurso*. 2 ed. São Paulo: Editora Contexto.
- Correia, J. A. e Matos, M. (2008). *Solidões e solidariedades nos quotidianos dos professores*. Porto: Edições Asa.
- Dufour, D.-R. (2005). *A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Esteve, J. M. (1999). Mudanças Sociais e função docente. In: Nóvoa, António (org.) *Profissão Professor*. 2 ed. Lisboa: Porto Editora.
- Ferreira, E. (2012). *(D)enunciar a autonomia Contributos para a compreensão da Génesis e da Construção da Autonomia na escolar*. Porto: Porto Editora.
- Gatti, B. e André, M. (2010). A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. Weller, Wivian; Pfaff, Nicolle (orgs.) *Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação. Teoria e prática*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Giddens, A. (2002). *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Kojève, A. (2006). *La noción de autoridad*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Lüdke, M. e André, M. E. (1986). *Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.
- Nóvoa, A. (1999). *Profissão Professor*. 2 ed. Lisboa: Porto Editora.
- Ornellas, M. de L. (2011). *[Entre]vista: a escuta revela*. Salvador: EDUFBA.
- Pereira, M., Paulino, B. e Franco, R. (2011). *Acabou a Autoridade? Professor, subjetividade e sintoma*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2011.
- Yin, R. K. (2005). *Estudo de Caso: Planejamentos e Métodos*. 3 ed. Porto Alegre: Editora Bookman.